

DIREITO DE FAMÍLIA: AS CONSEQÜÊNCIAS PSÍQUICAS ADVINDAS DA AUSÊNCIA DO PAI OU DA MÃE NA VIDA DOS FILHOS, A PARTIR DO ESTABELECIMENTO DA GUARDA

Evandro Luiz Silva

Resumo

Diante do aumento dos casamentos desfeitos, a guarda de filhos que convivem com pais separados é um assunto de crescente importância. A literatura acerca do assunto enfoca sobretudo os aspectos jurídicos da questão. Neste trabalho, será dado um enfoque maior às conseqüências psicológicas advindas da falta do pai ou da mãe na vida dos filhos, face ao estabelecimento da guarda. Lançaremos mão da Psicanálise para delinear os aspectos de importância de ambos os pais na vida dos filhos e as conseqüências da sua ausência nestes últimos. Nela se pode encontrar conceitos importantes para quem trabalha nesta área: o tempo cronológico das crianças, os conflitos, as causas e origens de alguns sintomas, o desapego, o medo do abandono, etc.

Direito de Família: as conseqüências psíquicas advindas da ausência do pai ou da mãe na vida dos filhos, a partir do estabelecimento da guarda.

Como mestrando do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, venho pesquisando e estudando as conseqüências psicológicas advindas da ausência de pai ou mãe na vida dos filhos, a partir da guarda estabelecida após a separação daqueles.

O interesse por esta pesquisa nasceu no trabalho como Assistente Técnico em processos judiciais na Vara de Família, bem como no atendimento psicológico a crianças, que chegam ao consultório com sintomas surgidos quando da separação dos pais. No entanto, a origem destes sintomas não tem ligação direta com o destrato do casamento, prendendo-se, antes, com a falta causada pela ausência do pai ou da mãe - o genitor que não detém a guarda. Na grande maioria dos casos, os sintomas apresentados são: dificuldades cognitivas acompanhadas de declínio do rendimento escolar, ansiedade, agressividade e depressão. Não se dando a devida importância a estes sintomas, dependendo da idade da criança eles interferirão no seu processo de estruturação psíquica. A ausência de um dos pais na vida do filho se dá muitas vezes em decorrência de uma separação mal feita, seguida do estabelecimento de uma guarda que de modo algum atende às necessidades do menor. O tipo de guarda mais comum é aquele que segue a jurisprudência dominante, ou seja, guarda exclusiva da mãe e visitas quinzenais do pai em finais de semana alternados. Na prática, priva-se assim a criança do contato com um dos pais, na medida em que quinze dias consiste para a criança num tempo bastante longo. A percepção infantil do tempo cronológico é muito diferente da de um adulto, conforme escreveu Françoise Dolto (psicanalista infantil): uma semana para um adulto pode corresponder a um mês para a criança. Trata-se de tempo suficiente para gerar nesta última o medo do abandono e o desapego para com aquele progenitor que não detém a guarda. Em conseqüência, dado o papel determinante da presença do pai e da mãe na estruturação psíquica do menor, geram-se sintomas como os acima citados.

Neste sentido, a guarda conjunta impõe-se como uma alternativa mais adequada à saúde psíquica da criança. Diminuindo o tempo de ausência tanto de um quanto do outro progenitor, ela garante a presença de ambos os pais na sua vida, impedindo assim a sensação de abandono e o desapego na qual se originam os sintomas.

Do ponto de vista Jurídico, parece-nos que as crianças estão amparadas, no que se refere aos bens materiais, através da pensão alimentícia. No entanto, a falta psíquica/afetiva provocada por um dos pais trará conseqüências graves de outra ordem que não a material.

Encetamos a nossa pesquisa com os seguintes postulados: na guarda exclusiva, os filhos menores sofrem com a ausência de um dos pais, podendo apresentar transtornos psíquicos; na guarda compartilhada, com a alternância de casas, tais comportamentos não acontecem ou são muito reduzidos; as crianças têm condições internas para se adaptarem a duas casas, realizando uma adaptação rápida que não dá lugar a nenhum dano psíquico; por fim, acreditamos que uma separação que atenda às necessidades dos filhos - contato freqüente com ambos os pais - traria os seguintes benefícios:

- diminuição de estresse e maior produção (escola, trabalho, etc.);
- melhoria na qualidade de vida;
- menor custo num processo judicial. Com um saber estabelecido, evitar-se-ia uma quantidade grande de perícias e se diminuiria a morosidade do processo;
- diminuição da gravidez na adolescência (nota referente aos restantes tópicos);

- diminuição do suicídio em crianças e adolescentes;
- diminuição do uso de drogas entre crianças e adolescente;
- diminuição da evasão escolar;
- diminuição de problemas emocionais ou comportamentais;
- diminuição de prisões de menores.

Após extensas pesquisas e análises de jurisprudência, vimos que normalmente os argumentos em prol da guarda exclusiva da mãe giram em torno das dificuldades que a criança teria em adaptar-se a duas casas, e da necessidade de que ela tenha um único referencial de lar. No entanto, não há qualquer fundamentação técnica para tais suposições.

Do ponto de vista psicológico, há boas razões que corroboram o entendimento de que a criança já a partir dos seis meses de idade tem condições internas para lidar com mudanças e se adaptar à realidade do mundo em que vive. Senão, vejamos.

É primordial para o bom desenvolvimento de uma criança que ela tenha outras referências, para além do lar familiar. Isto pode e deve começar acontecer a partir dos seis meses de idade, pois com um ano de idade a criança não só tem condições internas para lidar com as situações, como se trata mesmo de uma experiência fundamental para a sua estruturação e sociabilização, criando condições para que ela se torne um adulto saudável. Ao contrário do que alguns pensam, a criança desde muito pequena já precisa do contato com o mundo externo.

Segundo Melanie Klein - psicanalista pioneira no tratamento de crianças e cujas teorias, juntamente com as de Freud, servem de base para todo um campo, o psicanalítico, na compreensão da mente e terapia psicológica -, a criança de um ano de idade já pode e deve afastar-se do lar, ter outras relações, freqüentar jardins de infância, criar outros vínculos. Já possui condições internas para isto.

É possível e importante afastar-se da mãe, pois é assim que a criança consegue saber internamente que as situações boas e ruins desaparecem e voltam: pernoitar em outra casa, ficar todo o dia numa escolinha, etc.

A autora fundamenta toda a sua teoria na certeza de que, ao passar por esta fase, a criança já pode e deve manter uma relação com o mundo externo, e seu ego já se vai fortalecendo para lidar com o que é novo e desenvolvendo mecanismos de defesa.

No desenvolvimento normal, com a crescente integração do ego, os processos de divisão diminuem e a capacidade aumentada de compreender a realidade externa e, até certa medida, de conciliar os impulsos contraditórios da criança, conduzem também a uma síntese maior dos aspectos bons e maus do objeto. Isto significa que as pessoas podem ser amadas apesar das suas limitações e que o mundo não é visto apenas em termos de preto e branco .

E ainda:

Durante o segundo trimestre do primeiro ano, certas mudanças no desenvolvimento intelectual e emocional do bebê se acentuam. A sua relação com o mundo externo, tanto pessoas como coisas, ganha maior diferenciação. Alarga-se o âmbito das suas gratificações e interesses, e aumenta o poder de expressar as suas emoções e comunicar com as pessoas. Estas mudanças observáveis são uma prova do gradual desenvolvimento do ego. Integração, consciência, capacidades intelectuais, a relação com o mundo externo e outras funções do ego desempenham-se com firmeza.

Corroborando este entendimento da mente infantil, a psicanalista Arminda Aberastury escreve: "Já na Segunda metade do primeiro ano, a criança precisa explorar o mundo e, além disto, distanciar-se da mãe" . Este distanciamento é essencial para que a criança possa experimentar o estranho, desenvolver os seus mecanismos de defesas e enfrentar os conflitos inerentes às fases do desenvolvimento.

Segundo Freud , este movimento da criança para além do lar e em direção ao mundo exterior vai propiciar ao ego desenvolver meios adequados para fazer frente e modificar as ansiedades atinentes àquele momento.

Freud considera que a partir de um ano de idade as crianças começam a entender que as pessoas vão e voltam; que os pais saem para trabalhar e depois retornam; que elas vão à escola e depois voltam para casa, etc. Trata-se de situações essenciais para o bom desenvolvimento das crianças. Ou seja, vão-se adaptando diante das exigências do seu meio.

Por conseguinte, não podemos evitar as frustrações da criança, pois estas são inevitáveis e as ajudam a enfrentar os seus sentimentos, "porquanto a própria experiência de que a frustração é superável pode fortalecer o ego, e faz parte da atividade do pesar que serve de apoio à criança no seu esforço para eliminar a depressão" .

É importante que a criança entre em contato com a ansiedade de separação, para finalmente poder amadurecer e tornar-se um adulto saudável.

Freud diz que "a ansiedade descreve um estado particular de esperar o perigo ou preparar-se para ele,

ainda que possa ser desconhecido"; e continua:

Não acredito que a ansiedade possa produzir neurose traumática; existe nela algo que protege o seu sujeito contra o susto e, assim, contra as neuroses de susto.

Nos primeiros meses da vida de uma criança, um adulto suprirá as suas necessidades, pois o seu ego ainda é frágil para dar conta de semelhante tarefa. Em torno dos seis meses, o ego está bem estruturado, podendo a criança entrar em contato com os seus conflitos para que o seu ego se vá fortalecendo, para que ela se possa defender. O conflito é evolutivo, e enfrentá-lo é essencial à adaptação.

O ego é a parte organizada do eu, é o que possibilita as relações com o mundo externo, sendo o pólo defensivo da personalidade. Segundo Melanie Klein, o ego opera desde o nascimento e "tem a importante tarefa de defender da ansiedade". O ego é também "mediador entre os acontecimentos internos e externos".

Inúbia Duarte, psicóloga e psicoterapeuta infantil, assinala a importância do fato de poder a criança enfrentar as diversas situações da vida para se adaptar ao mundo externo "Não podemos, no entanto, ajudar a prevenir atitudes que levam a um desgaste maior de energia em prejuízo da economia interna da personalidade da criança"; e continua: "Qualquer crescimento implica em mudança, e mudança implica em crise. Não há evolução ou progresso sem ansiedade."

O distanciamento por dias ou semanas pode causar na criança "medo de abandono", bem como o desapego com o ausente. Por isto, a guarda exclusiva com "visitas" quinzenais de um dos pais implica em muito tempo de ausência para a criança. O melhor é que esta pudesse estar na presença dos pais durante largo tempo, com as suas presenças efetivas, dada a peculiaridade da percepção psicológica do tempo para a criança, como já assinalado anteriormente. Logo, entendemos que o ideal é que ambos os pais tenham contato diário com os filhos.

A guarda conjunta diminui o tempo de ausência dos pais. Pensar que a guarda deva ficar somente com um dos cônjuges, para que a criança não perca o referencial do lar, é um equívoco. O referencial a não ser perdido é o dos pais. A criança filha de pais separados vai-se adaptar à nova vida, criar o vínculo com duas casas. Permitir à criança o convívio com pais deixa-a segura, sem espaço para o medo do abandono. O grau de intimidade da criança com os pais garantir-lhe-á segurança e permitirá que ela tenha experiências para além da extensão do lar. Crianças nestas condições adaptar-se-ão bem a situações novas, e poderão lidar com frustrações e limites.

Arminda Aberastury afirma a importância do fato do bebê ou da criança pequena se ir acostumando com as necessidades dos pais. "A vida de uma criança não pode anular a dos pais". Se os seus pais agora terão casas separadas, também os filhos, conseqüentemente, terão duas casas, pois não é por causa da separação que se deixou de ser pai ou mãe. Por ser inevitável que cada um tenha uma casa, temos de permitir que a criança se adapte a esta nova situação.

Se a criança oriunda de uma separação vier a apresentar problemas de comportamento, este estará mais relacionado com os problemas da relação entre os pais. Françoise Dolto, psicanalista infantil de renome mundial, faz a seguinte consideração acerca de filhos de pais separados: "A verdadeira solução é os pais, responsáveis pela vida de uma criança, continuarem a entender-se para que essa criança viva a fase entre os seus dois progenitores, se possível, e possa estar a par da sua situação; para que saiba que os seus pais, embora divorciados, se sentem ambos responsáveis por ela." Ainda na mesma direção, o médico Lee Salk afirma a importância do contato das crianças com ambos os genitores, independentes de estarem separados ou não.

Será normal um dos pais querer privar o outro de contato com o filho? Segundo Arminda Aberastury, "quando se separa um filho de um dos pais, algo pode perder-se definitivamente". Neste sentido, escreve Françoise Dolto: "(...) quando o pai está ausente, e para todas as crianças de qualquer idade, o importante é manter o pensamento da sua presença e confiança dele". Diz Dolto que a mãe deve mostrar fotos do pai para a criança, pô-la a falar com ele ao telefone para que ela escute a sua voz, e falar muito nele.

Em seguida à fase descrita por Melani Klein, a criança entra no que chamou o "complexo de Édipo", cujo auge é por volta de um ano de idade e cuja resolução acontece por volta dos cinco seis anos de idade. Nesta idade, a figura dos pais serão de suma importância no desenvolvimento emocional da criança. Dependendo de como a criança passou por esta fase, escolherá o seu parceiro na vida adulta, reproduzindo o seu papel na sociedade e entrando nas normas da cultura. O interesse da criança pelo genitor do sexo oposto é muito forte, e será a base para as suas relações sociais, para as fantasias e escolhas objetivas.

Segundo Freud, Lacan e todos os seus seguidores, é nesta fase que o sujeito se irá estruturar. O destino psíquico do adulto será marcado desde o Édipo. Um dos destinos, se for mal resolvida esta fase, é a entrada na psicose.

Numa psicose, admitimos de bom grado que alguma coisa não funcionou, não se completou essencialmente no Édipo [e que] certos autores demonstram, estatisticamente, que nos quadros psicóticos sempre se verifica a ausência de um dos pais .

Saindo do Édipo, a criança herda o seu superego, e a sua relação com as leis e normas estarão marcadas para sempre.

O Édipo intervém determinando o tipo de escolha de objeto, a identidade do sujeito, como este e o seu desejo se constituem, seus mecanismos de defesa.

Nesta perspectiva, é incontestável a importância do pai e da mãe na vida dos filhos: provocar a ausência de um deles é traçar o pior dos prognósticos para uma criança. Logo, é primordial manter a criança em contato com ambos os progenitores, e possibilitar-lhe adaptação à realidade do seu mundo externo, das necessidades dos pais, da escola, enfim, da possibilidade que o momento apresentar. A criança amada, que confia nos pais, consegue administrar bem a sua nova rotina, e tem condições internas suficientes para esta adaptação, pois o seu ego já está devidamente estruturado.

É fundamental que os pais possam ter momentos sozinhos com os seus filhos, para que possam ter uma maior intimidade. É essencial que a criança possa ter um contato diário com os progenitores. Há momentos que são únicos e imprescindíveis, como ser colocada na cama pelos pais; é preciso que estes possam contar-lhes uma história antes de dormir, que possam participar das várias atividades que constituem o dia dos seus filhos. Visitas quinzenais farão pais e filhos perderem muito, talvez com danos irreparáveis.

Lee Salk faz brilhante comentário quando avança que, passando algum estágio sem grande contato com os pais, o relacionamento estará prejudicado, podendo gerar-se então um desapego com a pessoa ausente, o qual "pode conduzir a um distúrbio de comportamento" .

A noite é o momento em que afloram as fantasias, que são constituintes dos sujeitos. E a presença dos pais nas fantasias dos filhos desde o Complexo de Édipo - que para Melanie Klein atinge o seu auge em torno de um ano de idade - permite a estruturação psíquica saudável da criança.

A identificação com os pais leva a criança a, quando adulta, procurar fora as suas relações amorosas e sociais, sendo esta procura exógena uma base para um relacionamento saudável. Klein afirma que a identificação proveniente da infância se torna uma parte importante da nossa personalidade, e que a "identificação influencia a formação do caráter da criança e pode conduzi-la a repetir na vida ulterior aquilo que ela própria sofreu" .

Uma criança não é um cristal que pode partir-se por um descuido qualquer. A rotina de uma criança pode variar sim, de acordo com as exigências externas, pois ela precisa viver a realidade do seu meio. Se os pais estiverem seguros, passarão segurança aos filhos, e a adaptação à nova situação será tranqüila. Quanto à guarda exclusiva, acredito que ela seja pertinente apenas quando um dos cônjuges apresentar algum distúrbio ou vício que possa pôr em risco a vida do filho.

Referências bibliográficas

KLEIN, Melanie. O Sentimento de Solidão. 2a ed., R.J.: Imago, 1975.

----- . Os progressos da psicanálise. R.J.: Jorge Zahar, 1969.

ABERASTURY, Arminda. Psicanálise da Criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

----- . Abordagens à Psicanálise de Crianças. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FREUD, Sigmund. Obras Completas - Vol. XVIII. R.J.: Imago, 1976.

DUARTE, Inúbia. A prática de Psicoterapia Infantil. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

Dolto, Françoise. Quando Surge a Criança. Campinas: Papirus, 1996.

----- . Quando os pais se separam. R.J.: Jorge Zahar, 1989.

SALKE, Lee. O que todas crianças gostariam que seus pais soubessem. R.J.: Record, 1995.

CHECCHINATO, Durval... (at al.). Lacan - a clínica da psicose. Campinas: Papirus, 1988.

BLEICHMAR, Hugo. Introdução aos estudos das perversões. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

PEREIRA, Rodrigo da Cunha. Pai, porque me abandonaste?. Artigo colhido na Internet.

DOOR, Joel. O pai e sua função em Psicanálise. SP: Jorge Zahar, 1991.

SOUZA, Alduísio M. de ... (at al.). Psicanálise de crianças. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

PEREIRA, M^a Luíza D'Avila. Da angústia ou de quando indicar análise a uma criança. SP: Educ, 1990.

GRISARD FILHO, Waldyr. Guarda Compartilhada. SP: Revistas dos Tribunais, 2000.

NASIO, Juan David. Os sete conceitos cruciais da psicanálise. RJ: Jorge Zahar, 1989.

RODULFO, Ricardo. O Brincar e o Significante. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.